

Velhas recordações

Quem poderá deter as velhas recordações, que iluminam os caminhos da eternidade?

Lembramo-nos de Alcione, desde os dias de sua infancia. Muitas vezes a vi, com o Padre Damiano, num velho adro de Espanha, passeando ao pôr do sol.

Não raro, levantava o semblante infantil para o céu e perguntava, atenciosa:

— Padre Damiano, quem terá feito as nuvens, que parecem flores grandes e pesadas, que nunca chegam a cair no chão?

— Deus — minha filha — dizia o sacerdote.

Mas, como se no coração pequenino não desse existir esquecimento das cousas simples e humildes, voltava ela a interrogar:

— E as pedras? — quem teria criado as pedras que seguiram o chão?

— Foi Deus também.

— Então, após meditar de olhos mergulhados no grande crepúsculo, a pequena exclama:

— Ah! como Deus é bom! Ninguem ficou esquecido!

E era de ver-se a sua bondade singular, o interesse pelo dever cumprido, dedicação à verdade e ao bem.

Cedo comprehendi que a família afetuosa de Avila se constituía de amizades vigorosas, cujas origens se perdiam no tempo.

Os anos — minutos do relógio da eternidade — correram sempre movimentados e cheios de amor. A criança de outros

tempos tornara-se na benfeitora cheia de sabedoria. Sua vida não representou um feixe de atos comuns, mas um testemunho permanente de sacrifícios santificantes. Desde a primeira juventude, Alcione transformara-se em centro das afeições, em fonte de luz viva, onde se podiam vislumbrar as claridades augustas do céu. Sua conduta, na alegria e na dor, na facilidade e no obstáculo, era um ensinamento generoso, em todas as circunstâncias.

Creio mesmo que ela nunca satisfez a um desejo próprio, mas nunca foi encontrada em desatenção aos designios de Deus. Jamais a vi preocupada com a felicidade pessoal; entretanto, interessava-se com ardor pela paz e pelo bem de todos. Demonstrava cuidado singular em subtrair aos olhos alheios seus gestos de perfeição espiritual, porém queria, sempre, revelar as idéias nobres de quantos a rodeavam, a-fim-de os ver amados, otimistas, felizes.

Minhas experiências rolaram devagarinho para os arcanos do Tempo, a morte do corpo arrastou-me a novos caminhos e no entanto, jamais pude esquecer a meiga figura de anjo, em trânsito pela Terra.

Mais tarde, pude beijar-lhe os pés e compreender-lhe a história divina. O resultado desse conhecimento vibra neste esforço singelo, que não tem pretensões a obra literária.

Este é um livro de sentimento, para quem aprecie a experiência humana através do coração. Em particular, falará a todos os que se encontram encarcerados, sentenciados, esquecidos daquele amor que cobre a multidão dos pecados, consoante os ensinamentos de Jesus. A maioria dos aprendizes do Evangelho deixa-se tomar, em sentido absoluto, pelas idéias de resgate escabroso, de olho por olho, ou então, pela preocupação de recompensas na Terra ou no Céu. Aqui, comentam-se reencarnações criminosas; ali, esperam-se tão só prantos amargos; alem, existem corações anelantes de remansado e ocioso pousio. A esperança e a responsabilidade parecem tesouros esquecidos. É razoável que se não possa negar o caráter incorruttível da justiça, porém, não se deverá esquecer o otimismo, a confiança, a dedicação e todas as energias que o amor procura despertar no amago das consciências.

Para as almas sinceras, que ainda solucem nos laços de desânimo e desalento, a história de Alcione é um bálsamo

reconfortador. Naturalmente que ela própria, qual amorosa visão da espiritualidade eterna, emergirá das páginas luminosas da sua experiência, perguntando ao leitor que se sentiu oprimido e exausto:

— Por que retêns a noção dos castigos implacáveis, quando Nossa Pai nos oferece o manancial inexaurível do seu amor? Por que atribues tamanha importância ao sofrimento? Levanta-te! Esqueceste Jesus? Já que o Mestre padeceu por todos, sem culpa, onde estás que não sentes prazer em trabalhar, de qualquer forma, por amor ao seu nome?

A psicologia de Alcione é bem mais complexa do que se possa imaginar ao primeiro exame. Na grandeza da sua dedicação, vemos o amor renunciando à glória da luz, afim-de mergulhar-se no mundo da morte. Com seu gesto divino, a Terra não é apenas um lugar de expiação destinado a exílio amarguroso, mas, também uma escola sublime, digna de ser visitada pelos genios celestes. Dentro dos horizontes do planeta, ainda vigem a sombra, a morte, a lágrima... Isso é incontestável. Mas, quem seguir nas estradas que Alcione trilhou, converterá todo esse patrimônio em tesouros ótimos para a vida imortal.

Aqui, pois, oferecemos-te, leitor amigo, tão velhas recordações.

Crê, no entanto, que por velhas, não são menos preciosas. São heranças sagradas do escrinio do coração, jóias de subido valor que espalharemos a esmo, recordando que, se muita gente presume haver alcançado os sucessos retumbantes e a felicidade ilusória no campo vasto do mundo, em verdade ainda não aprendeu nem mesmo a estabelecer a vitória da paz, na experiência sagrada que se verifica entre as paredes de um lar.

EMANUEL

Pedro Leopoldo, 11 de janeiro de 1942.